

A DOIDE DO CANDAL

Published @ 2017 Trieste Publishing Pty Ltd

ISBN 9780649122141

A doide do Candal by Camilo Castelo Branco

Except for use in any review, the reproduction or utilisation of this work in whole or in part in any form by any electronic, mechanical or other means, now known or hereafter invented, including xerography, photocopying and recording, or in any information storage or retrieval system, is forbidden without the permission of the publisher, Trieste Publishing Pty Ltd, PO Box 1576 Collingwood, Victoria 3066 Australia.

All rights reserved.

Edited by Trieste Publishing Pty Ltd.
Cover @ 2017

This book is sold subject to the condition that it shall not, by way of trade or otherwise, be lent, re-sold, hired out, or otherwise circulated without the publisher's prior consent in any form or binding or cover other than that in which it is published and without a similar condition including this condition being imposed on the subsequent purchaser.

www.triestepublishing.com

CAMILO CASTELO BRANCO

**A DOIDE
DO CANDAL**

OBRAS
DE
CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

XIV
A DOIDA DO CANDAL

VOLUMES PUBLICADOS

- I — Coisas espantosas.
- II — As tres irmans.
- III — A engeitada.
- IV — Dóze casamentos felizes.
- V — O esqueleto.
- VI — O bem e o mal.
- VII — O senhor do Paço de Ninães.
- VIII — Anathema.
- IX — A mulher fatal.
- X — Cavar em ruinas.
- XI — Correspondencia epistolar.
- XII
- XIII — Divindade de Jesus.
- XIV — A doida do Candal.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A DOIDA DO CANDAL

EDIÇÃO DEFINITIVA REVISTA E CORRIGIDA PELO AUCTOR

QUARTA EDIÇÃO

LISBOA

PARCERIA A. M. PEREIRA — LIVRARIA-EDITORIA

Rua Augusta — 50, 52 e 54

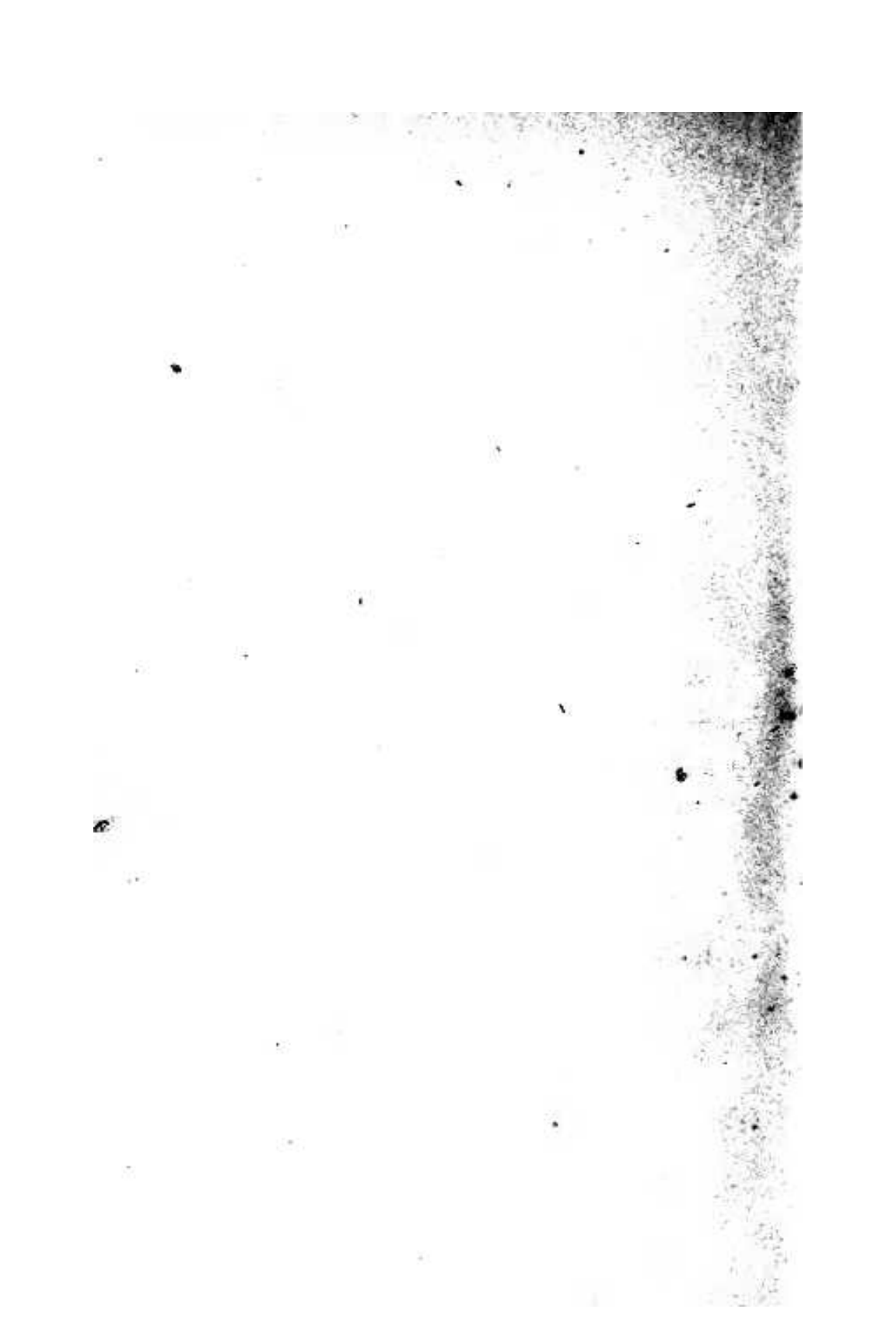
1903

A HONRADA MEMORIA
DE
JOSÉ JULIO DE OLIVEIRA PINTO

Diria o nobilissimo coração de José Julio quando lhe offereci o meu Romance de um homem rico ha seis annos.

O coração, cofre de um thesouro, era material: desfez-se.

*Ficou o thesouro incorruptivel e sagrado:
a honra.*



ADVERTENCIA

Em 1866, na bellicosa cidade do Porto, defrontavam-se de espada nua dois escriptores portuguezes de muitas excellencias litterarias e grande pundonor.

Correu algum sangue. Deu-se por entretida a curiosidade publica e satisfeita a honra convencional dos combatentes.

Alguns dias volvidos, ia eu de passeio na estrada de Braga e levava comigo a honradora companhia d'um cavalheiro que lustra entre os mais grados das provincias do norte.

No sitio da «Mãe de Agua» apontei na direcção d'um plaino ancuberto pelos pinhaes e disse ao meu companheiro :

— Foi por alli que ha dias a «Critica Portugueza» esgrimiou com o «Ideal allemão».

— Ah! — disse o meu amigo, soffrendo as rédeas do cavallo — foi alli a brincadeira ?

— Brincadeira ! . . . então vossa excellencia intende que, nos duellos, quem não morre brinca . . .

— *Quem não morre*, diz vossê... Pois morre alguem no duello em Portugal?

— Não me consta; mas isso prova que os combatentes exercitam as armas entre si tão magistralmente que não é possível matarem-se.

— Pois de certo não tem noticia de duellos em Portugal? — tornou o cavalheiro.

— Não tenho.

— Venha cá.

E, dizendo, quebrou a rédea para a direita da estrada, atravessou o paúl que circunda a «Mãe d'Agua» e parou rente do socalco divisorio de um vasto pinhal.

E alli, apontando para uma clareira da matta, disse-me:

— Olhe para acolá. Hei-de contar-lhe um ou dois combates singulares e fataes que estes pinheiros mais velhos viram travar-se ha cincoenta annos n'aquelle sitio.

Passados dias, mostrou-me um livro in-folio manuscrito, facultando-me o traslado do que merecesse ser contado.

Aqui está a origem d'este romance.

S. Miguel de Seide.—Maio de 1867.
